

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 2

Título: "SOTAVENTO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): BORREIA, JOÃO DA SILVA

Adaptador: NEVES, GÖTTA

Realizador: FERNANDES, CARLOS

Locutor: ?

Data de produção: 2/7/1975

Data de Emissão: 7/7/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
AUGUSTO DE FIGUEIREDO	FORTUNATO
GRACA VITÓRIA	Mãe CRISTINA
JORGE VALE	ESTEJES
ORLANDO COSTA	NARRADOR

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Neves

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIREC ARTÍSTICA - NORBERTO BARROCA

Indexação: - TEATRO RADIOTVÍDEO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA Nº 107	PROGRAMA 10
DATA DE ENTREGA 25 JUN. 1975	VERSÃO DE 1/1/75
PEDIDO AGRUPADO	15-15 HORAS
A GRAVAÇÃO 21/7/75	VISTO
HORA 9:30	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

"SOTAVENTO"

AUTOR: João da Silva Correia

Adaptador para a rádio: Cotta Neves

Duração: 20 m., aprox.

Interpretes:

Narrador

Fortunato

Mãe Cristina

Esteves

.....

ML/

NARRADOR- Rezavam todos quatro juntos à choupanha, suja e encardida como tijação negro - a meia porta escancarada a escorrer dos gonzos, já mais derreada do que brincos de peso em lóbulos de velha. Fortunato João, de joelhos, arrimava-se a um calhau, à laia de genufloxório, que os membros, magríssimos, que já não abarcavam a-lento que lhe permitisse por si só, a humilde posição de penitente. Os dois fedelhos - o Isaque e o Filipe - sentavam-se à banda, de mãozinhas erguidas para o Senhor Deus, que tudo manda, desde o pão dos pobres ao castigo dos maus.

A seguir, mãe Cristina, sentada também, corria as contas entre os dedos, no fio do rosário, fazendo a invocação de padres-nossos e avé-Marias, com voz tão débil e mansa que mais parecia de agonizante.

Na atmosfera, o ambiente tremia à acção da canícula sem tréguas como se ao de cima de uma fornalha. Parecia que toda a ilha de S. Tiago, em transe de ebulição, ardia pavorosamente nas mãos de Santanás. Terminada que foi a oração, Fortunato João ergueu-se cambaleante, pernas bambas, deu alguns passos em frente da mansarda, a perscrutar o céu. Depois abrindo os braços num gesto largo e lento, as lágrimas a correrem-lhe a quatro a quatro nas faces maceradas, soluçou:

FORTUNATO- (soluçando, magoado) - Terras de Cabo Verde! Terras de Cabo Verde!... que se Deus não acode, nem bichinho do monte, nem cardo selvagem!... Tudo, tudo morrerá debaixo deste Sol de maldição, que nos chupa o sangue nas veias!... Não me pesa por mim, que sou velho, mas por meus netos e minha filha... e Deus não acode, aqui temos que morrer todos, como cães imundos, debaixo deste tecto de que há tanto tempo não se ergue fumo! E triste e horroroso este espectáculo de tantos negrinhos mortos por míngua, como cordeirinhos em ara de sacrificios, lá em baixo, pelas bermas das ruas, na cidade da Praia;

CRISTINA - (Chora baixinho)

FORTUNATO- (Clamando) - Jesus! Jesus! Senhor!... Tende piedade de nós!...

CRISTINA - E... se fossemos falar... com o senhor... Antoninho Esteves?

FORTUNATO- • quê?... Pedir-lhe esmola?...

CRISTINA- (Branda) - Esmola... não; mas quando o meu homem, o Jerónimo, embarcou, há dois anos, para Lisboa, foi o senhor Esteves quem nos vendeu a passagem... E disse-nos que, se viessemos a precisar de qualquer coisa... estava às ordens...

FORTUNATO- Mas, que vais tu dizer-lhe?

CRISTINA- Pois... eu sei lá... o que lhe hei-de dizer... eu sei lá...

NARRADOR- Dá-lhe que dá-lhe, pelo raiar da manhãzinha, mãe Cristina descia a trilha, entre penhascos, caminho da Cidade da Praia. E porque a firmeza nas pernas era pouco e o caminho incerto, a negrinha, muitas vezes, tinha de valer-se das mãos para se amparar, aqui ou além, aos calhaus que lhe ficavam ao alcance, quando na carreira desordenada, tropeçava ou fraquejava.

Quando depois de muito correr, alcançou a cidade, os seus nervos, abalados pelo infortúnio, receberam o mais intenso choque da pavorosa extensão da fatalidade que pairava sobre a terra cabo-verdeana. Sucediã-se as cenas mais arrepiantes e inverosímeis. Aqui, era um velho que, ensandecido pela tortura da fome, procurava devorar uma pedra agarrada às mãos ambas, e levantada penosamente à altura dos lábios. Além, era uma crioula - doze ou treze anos de vida em botão - que levada pela surprestição geral de o asseio dos cabelos era paliativo grandemente eficaz, contra as agruras da fome, gastava as últimas energias passando e repassando um pente pela cabeça. Mãe Cristina avançava, na ânsia de não ver mais agonizantes, até que, chegada que foi à porta do estabelecimento do senhor Antoninho Esteves, sentio-se de repente acobardada. Deteve-se abruptamente junto à ombreira a reflectir, a perguntar a si mesma...

CRISTINA- O que hei-de dizer-lhe, o que hei-de dizer-lhe? E se entrasse na loja?... Oh! Meu Deus, preciso reagir a este torpôr, tenho que tomar uma decisão... ser forte... para valer aos meus queridos meninos... Porque se nada conseguir do Senhor Antoninho Esteves, talvez hoje, talvez amanhã, eles morram de fome, como tantos que por aqui estão morrendo.

(EM FUNDO, RUIDOS E AMBIENTE DE MERCEARIA)

CRISTINA- (Suplicante) - Senhor Antoninho Esteves!...

ESTEVES - (Com impaciência) - Que me quer você, alma de Deus?...

CRISTINA- Sou eu... a Cristina... a Cristina dos Orgãos... Não se lembra?

ESTEVES - (Arrogante) - E então?

CRISTINA- (Chorando) - Os meus meninos, o Isaque e o Filipe, com o meu velho pai, o Fortunato João, estão a morrer de fome - de mim já não falo que pouco valho! Já não temos grão de cereal, nem gotinha de vinho, ou cabra para mungir. Lembra-me então do senhor Antoninho Esteves; e como tinha quatro dúzias de ovos ao canto da arca, trouxe-os a ver se o senhor Antoninho Esteves queria dar por eles uns punhados de milho com que pudesse cosinhar escudela de cachupa para os desgraçadinhos...

ESTEVES - Bem... bem... eu vejo isso... Espere um pouco; eu vejo isso...

(DUAS BADALADAS DE RELOGIO DE IGREJA)

NARRADOR- Passaram-se duas horas e o senhor Antoninho Esteves sempre num rodopio, não dava atenção à Mãe Cristina. Subia escadotes, descia escadotes; ia e vinha; andava e desandava; bradava ordens ao pessoal, ralhava - parecia uma máquina. Até que, passando já de duas horas de espera, surgiu o comerciante com escassa ração de milho no fundo de um alqueire; e retirando os ovos, um por um, para cima do balcão, vazou o cereal na cesta da Mãe Cristina, despedindo-a com arrogância e impaciência: (TOQUE DE 4 BADALADAS)

ESTEVES - Aqui está o que eu lhe posso dar em troca dos seus ovos; nem tanto valiam... Agora vá-se com Nossa Senhora... vá... vá... tenho mais que fazer...

CRISTINA- (Quasi chorando de emoção) - Deus lhe pague... Deus lhe pague tanta generosidade... Senhor Antoninho Esteves... Agradecida... Agradecida...

NARRADOR - Uma vez na rua, a negrinha, com asas nos pés, lançou-se quase a cor-

rer através da Cidade, caminho dos Orgãos. Já antegozava, intimamente, o reconforto que levava em suas mãos aos meninos e ao velho. E um grande contentamento inundava-lhe o coração. Seu fito era andar sem parança, chegar depressa; nem atentava nos agonizantes que ficavam à direita e à esquerda, quando ouviu atrás de si uma voz lamuriosa que lhe pedia pão!...

CRISTINA- (Assustada) - Jesus! Senhor! Valei-me!...

NARRADOR- O primeiro impulso de Mãe Cristina foi abrir ali logo a cestinha, desfazer-se da sua riqueza; mas, mais rápido do que o relâmpago, voou-lhe a casa o pensamento e segurando bem a cesta do milho, nem deu resposta. Apertando mais o passo, botou-se mesmo a correr, estrada em fora, a trepar a vereda aberta na rocha viva; onde não podiam as pernas exaustas, mandava a vontade e o coração. Arquejante e vencida, sentou-se numa lage, a cestinha ao lado, bufa que bufa, a descansar. E porque tinha ao alcance da mão a sua riqueza, voluptuosamente pôs-se a levantar, com sorriso de satisfação, a ponta do farrapo cingido ao atafal, e falando alto consigo mesma, de como iria cosinhar escudelinha de cachupa, apenas chegasse a casa. (EM FUNDO, RUIDO DE ONDAS)

CRISTINA- (Dando risinhos de satisfação) - Tenho aqui milhinho para os meus filhos e para o meu velho pai?... (UM TEMPO) cantarolando) Deus levado, já não morrerão de fome... (UM TEMPO) DÁ UM GRITO ABAFADO) Senhor!... Misericórdia!!! Santo nome de Jesus!... Santo nome de Jesus! O milho que aqui tenho é tão pouco não dá que bonde para distribuir três colheres de cachupa a cada um deles! E depois? E depois? Quando os pequenitos, lambidos os dedos, me pedirem mais? Como poderei eu?... se não tenho maneira de sacar do peito o coração, oferecê-lo como repasto aos desgraçadinhos, para que não tenham mais fome?... Se não tenho mais duzias de ovos para trazer à Cidade, a casa do senhor Esteves?... Isto nem para um chega quanto mais para três... não chega... não chega... não... (chora) - Triste do meu Filipe que só tem três anos e meio; e do meu Isaque, que tem apenas dois... e do meu pobre pai!... (soluços)

NARRADOR- Quatro passos atrás, junto a um codesso requeinado, a cestita com o milho do senhor Antoninho Esteves emprestava ao cenário, entre

fragas denegridas e soalheira brava, um ar agreste de rudeza e de infortunio incomparável.

À beira do precipício, Mãe Cristina, abrindo os braços em cruz, face voltada ao infinito, ficou-se quieta e muda, como estátua da amargura. E ali esteve, assim, minutos a fio, meia desfalecida e inconsciente. Depois tombando desamparada, a rasgar-se horripelmente nas arestas vivas da ribanceira, acabou por resvalar de penhasco em penhasco, até quedar, gotejando sangue, lá muito em baixo, em refôlho agudo dos alcantis. (UM TEMPO) (ONDAS) Aquela hora do crepúsculo e de agonia nas almas, o Pico da Antónia, sobrepujando a serrania alpestre da Ilha de S. Tiago, fazia lembrar prece mais exaltada a Deus Nosso Senhor, em demanda de piedade e misericórdia para tantos infelizes das ilhas condenadas de Sotavento.

(RUIDO DE ONDAS A 1º. PLANO) (MISTURANDO COM MUSICA)

Adaptação de Cotta Neves

=X=X=X=X=X=X=X=

